

cendo essa (nova) linha de estudos. Seu artigo, escrito em co-autoria com Edgar Radtke (Universidade de Heidelberg), faz um balanço da situação dos estudos pluridimensionais na perspectiva da romanística. O texto sintetiza as tendências mais recentes apresentadas no Simpósio sobre os "Novos Caminhos da Geolinguística Românica", realizado em Heidelberg em outubro de 1991. Harald Thun é um nome já conhecido da linguística no Brasil, e seus projetos evidenciam o esforço de desenvolver uma ciência ampla da variação linguística. Como coordenador, juntamente com Adolfo Elizaincín, do *Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), mantém um intercâmbio especialmente intenso com o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), cuja área de estudos é vizinha e, portanto, contínua à do Uruguai. Atualmente, também desenvolve, em parceria com Wolf Dietrich e Almidio Aquino, o *Atlas Lingüístico Guaraní-Românico* (ALGR), do qual trata o último artigo deste número dos *Cadernos de Tradução*.

Enfim, podemos ver nos três textos selecionados uma relação temática em torno da área da dialetologia pluridimensional. Creio que, com isso, se está dando uma contribuição, se não para preencher um abismo inteiro, pelo menos para dar mais visibilidade aos novos horizontes que se vêm delineando nesta mesma área. Vale ressaltar, ainda, o próprio exercício da tradução como um exercício crítico do aparato teórico-metodológico e das condições de difusão da disciplina. Assim, tanto o primeiro texto, traduzido por Cristiani Wortmann Gross (sob a orientação de Érica Schultz), como o segundo, traduzido conjuntamente por Minka Pickbrenner e Rita Dolores Wolf, podem ser vistos como instrumentos de pesquisa no sentido da aproximação entre duas áreas importantes como o são a germanística e a romanística.

Cléo Vilson Altenhofen
Organizador

Arealidade e socialidade?¹

Günter Bellmann²

Tradução: Cristiani Wortmann Gross³

Revisão: Erica Schultz e Cléo Vilson Altenhofen⁴

1 REFLEXÕES PRÉVIAS PARA UMA GEOGRAFIA LINGÜÍSTICA BIDIMENSIONAL

Ambas, arealidade e socialidade, parecem ser simplesmente características da língua natural, portanto universais. No alemão, ao qual vou me deter aqui, essas características não deixam de aparecer também na língua padrão ou pelo menos não completamente. No entanto, elas se realizam de modo especialmente caracterizador no subpadrão falado, nomeadamente no seu âmbito inferior, que se designa usualmente como *dialeto*.

Por arealidade deve-se entender um traço que se relaciona com as características de distribuição, no espaço, dos recursos lingüísticos de uma língua isolada, ou de um dialeto de uma língua isolada, e que, em consequência, serve de auxílio para fazer afirmações sobre áreas parciais específicas para os recursos lingüísticos, quer dizer, sobre restrições da validade e da ocorrência, as quais são atestadas no plano horizontal: ale. *Samstag* ("sábado") tem o traço <+areal> devido a *Sonnabend* e *Saterdag*, com os quais ele se divide no espaço lingüístico do alemão. O traço comum <+areal> precisa ser sub-especificado para o caso particular, por exemplo como <+areal: alemão-superior (*oberdt.*)>. Uma expressão com o traço <-areal> pode ser aplicada sem restrições para toda a área lingüística. Seria uma tautologia falar da arealidade dos dialetos. Apesar disso, é comum falar-se de dialetos de área extensa ou de área restrita. (Em lugar de *arealidade*, usa-se também o termo *diatopia*. Sendo assim, o grego *tópos* deveria no entanto ser compreendido em um sentido mais amplo, como uma caracterização geral conforme a localização, e não como tal que se define segundo a localidade isolada, a fim de com isso fazer justiça à **deslocalização** [*Entlokalisierung*] dos dialetos de base, a qual se encontra já em estágio avançado.)

¹ N.T.: Agradecemos ao autor, Günter Bellmann, e a Harald Thun, como editor, a autorização para traduzir este texto, publicado originalmente in: RADTKE, Edgar / THUN, Harald [eds.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. (Heidelberg/Mainz, 21.-24.10.1991.) Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 50-77. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

² Johannes Gutenberg-Universität de Mainz (Alemanha). Atualmente, coordenador do *Mittelrheinischer Sprachatlas - MrhSA* ('Atlas Lingüístico da Renânia Central').

³ Instituto de Letras - UFRGS.

⁴ Instituto de Letras - UFRGS.

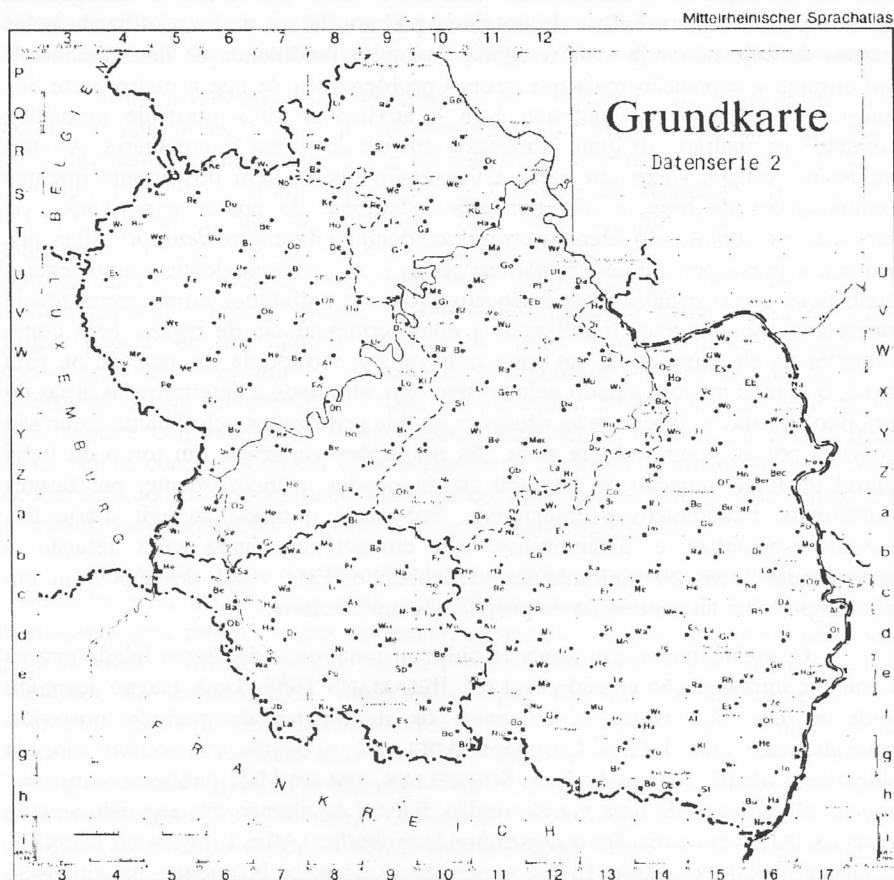
Socialidade, o outro traço, relaciona-se à quantidade de contrastes lingüísticos que podem ser identificados para cada localidade pesquisada da referida projeção horizontal, isto é, em direção à língua padrão suprajacente (*überdachende Standardsprache*). Esta é a dimensão sociolingüística ou “vertical”, a qual imaginamos como um plano perpendicular posicionado sobre a dimensão da arealidade.

Hoje, parece haver um consenso de que – ao menos nas áreas lingüísticas do alemão central, as quais tenho em vista aqui – a dimensão vertical se apresenta crescentemente, em toda parte, como um contínuo variacional. Postular semelhante contínuo significa a ampla abdicação da hipótese de variedades ou camadas sociolingüísticas distintivas. Por isso, evito falar de diastratia [ou dimensão diastrática], porque também esta expressão poderia ser compreendida literalmente, portanto aqui no sentido de uma seqüência de níveis distinguíveis. Evidentemente, iremos pressupor historicamente uma relação diglósica entre língua escrita e língua padrão de um lado, e dialetos de outro. Sob condições especiais, a constelação diglósica tem se mantido até a atualidade por exemplo na Suíça de fala alemã ou em Luxemburgo. Porém, isso constitui hoje a exceção: pelo menos para a parte continental do alemão-central ocidental e oriental da época atual, observamos, como fenômenos concomitantes da crescente urbanização e da ampla aculturação do que é socialmente alto e baixo, movimentos similares de contato em termos do comportamento lingüístico e das normas lingüísticas.

Contudo, isso não se restringe a uma interferência entre as duas variedades principais. O espaço da interferência situa-se antes da simples zona de transição à área central, e isso, na mesma proporção em que concorrem entre si a popularização da língua padrão falada e o desaparecimento dos dialetos. São as situações de comunicação modificadas que causam o deslocamento das competências lingüísticas dos indivíduos e dos grupos para a área central. Desta maneira, podemos explicar dois processos importantes que observamos hoje: a **desdiglossização** (*Entdiglossierung*) da comunicação e a conseqüente **desestratificação** (*Entschichtung*) das competências lingüísticas na grande massa de usuários da língua. Propus designar essa variedade heterogênea, porém de modo especial bem estruturada, abrangente e crescentemente dominante como um novo (isto é também: redefinido) **subpadrão** (BELLMANN 1983: 124). Semelhante subpadrão por exemplo do local X ou – mais tipicamente – da área Y é a concretização da dimensão vertical do modelo apresentado acima. Na sua descrição lingüística há que expressar a natureza do contínuo, a qual se manifesta no fato de que se trata, em lugar de unidades e constantes, de variáveis, cujos elementos, as variantes, são empregados seletivamente pelo participante da fala comunicativamente competente e interpretados de acordo com os traços que apresentam. A questão discutível, se a verticalidade deve ser descrita através de cada uma das gramáticas das duas variedades de partida de ambos os extremos (cf. MATTHEIER 1987: 547ss.), ou antes através de uma gramática panletal – nos seus detalhes, como sempre, organizada – (cf. BICKERTON 1973: 642-6433), portanto

uma gramática geral, será respondida, pelo menos para o estágio avançado da desestratificação, em favor do último tipo de gramática: logo, a gramática de variáveis em lugar de gramáticas de variedades. Esta opinião tem a vantagem de que nos permite que a ênfase do contínuo padrão-dialeto de base utilizada pelas pessoas de hoje não seja mais relegada a simples fenômenos de desempenho. E isso elimina a suposição mais que apenas problemática de que a maior parte dos usuários do alemão se comunica com o auxílio de dois tipos de gramática (“dialeto” vs. padrão), os quais dominaria apenas de forma fragmentária. A outra avaliação, realista, surge em meio à impressão que se tem dos acontecimentos comunicativos de hoje, e não por último também de nossas experiências de entrevista no âmbito do alemão-central ocidental (*Westmitteldeutsch*). Elas nos ensinam a pressupor que as gramáticas gerais e as correspondentes competências lingüísticas gerais estão à disposição dos grupos e indivíduos como competência concernente aos recursos lingüísticos e como competência de regras, bem como competência em parte ativa, em parte passiva. Em virtude de sua posição na vida social, o falante mostra, guiado pela norma, uma afinidade a determinadas áreas do contínuo. A estas se orientam as situações de fala priorizadas pelo falante e que são previstas por sua competência ativa. As oscilações variativas em torno da linha central ideal da situação de fala são condicionadas, principalmente, por fatores situacionais, intencionais e emocionais. Sobre tudo o modo de agir diário das pessoas especializa e disponibiliza sua competência ativa com relação a determinadas áreas do contínuo da verticalidade. Esta visão desempenhou um papel importante na concepção do projeto que apresentarei.

O conhecimento em torno da bidimensionalidade da língua falada tem na Alemanha uma tradição considerável (cf. BELLMANN 1986: 1ss.). Isto se acentuou desde o final do século XVIII entre os iluministas do período posterior, nomeadamente com Johann Christoph ADELUNG, e depois com o fundador da dialetologia alemã, Johann Andreas SCHMELLER, que em 1821 publicou o primeiro mapa geolingüístico de uma grande região dialetal do alemão. Na segunda metade do século XIX veio a reação: o *Deutscher Sprachatlas* (Atlas Lingüístico Alemão), de Georg WENKER (desde 1876), concentra-se com exclusividade na dimensão areal dos dialetos. Seguem-se, então, numerosas monografias da Escola de Marburgo. Daí em diante, a dialetologia alemã ganha sua corrente arcaizante e mais purista com relação aos dialetos. Eliminando a arealidade de seus estudos pontuais, a sociolingüística atua até hoje – com outros indícios – de forma complementarmente reducionista e unilateral. Gostaria de mostrar a seguir qual podia ser o possível caminho para um atlas lingüístico regional que, de um lado, documenta de maneira tradicional a dimensão horizontal, mas que além disso tenta não negligenciar a dimensão vertical e, de modo algum, deliberadamente suprimi-la.



2. FUNDAMENTO E PRÁTICA DO MITTELREINISCHER SPRACHATLAS - MRhSA (ATLAS LINGÜÍSTICO DA RENÂNIA CENTRAL)

A pesquisa já foi apresentada em várias oportunidades (cf. por exemplo BELLMANN; HERRGEN & SCHMIDT 1989). Para a compreensão do que vem a seguir, repito aqui resumidamente apenas os pontos mais importantes.

- O MRhSA é um atlas lingüístico dos fones (classificados) e morfes (atlas dos sons e formas).

- A área de trabalho é a região da Renânia-Palatinado situada à margem esquerda do Reno, incluindo a região do Sarre (*Saarland*).
- Esta extensão cobre duas áreas dialetais importantes: o francônio moselano (*Moselfränkisch*) e o francônio renano (*Rheinfränkisch*).
- O território abrange zonas conservadoras como Eifel e Hunsrück, uma área industrial estagnada como a do Sarre e partes dos modernos centros urbanos do Reno/Meno e em torno de Ludwigshafen/Mannheim.
- De 1981 a 1989 foram coletados, por dois exploradores especialmente encarregados deste trabalho, os dados lingüísticos correspondentes a essas áreas.
- A rede de localidades abrange 549 pontos de inquérito, isto é, menos da metade do número de comunidades locais dessa época. Foram incluídas grandes cidades como Mainz, Ludwigshafen, Koblenz, Trier, etc.
- Para o levantamento dos dados lingüísticos utilizou-se um questionário (questionário 1) de aproximadamente 1.000 palavras-chave que se subdividem, na maioria das vezes, em vários outros itens lingüísticos. As palavras-chave aparecem em contextos de frases padronizadas.
- O registro dos dados lingüísticos coletados ocorreu de forma bimedial: através da notação (API) em um exemplar do questionário (no local) e da gravação simultânea em fitas magnetofônicas.
- Os informantes desta série deveriam ter aproximadamente 75 anos de idade, de segunda geração residente no local, portanto também naturais do lugar, além de exercerem um trabalho manual.
- Em cada ponto de inquérito, deveriam ser inquiridos sempre vários informantes conjuntamente em uma entrevista em grupo.

Este levantamento (série de dados 1) teria fornecido, por si só, uma base já suficiente para um atlas lingüístico monodimensional e tradicional. Sendo assim, como se pôde chegar a pelo menos um princípio de abordagem da segunda dimensão, ou seja da dimensão vertical? Seria uma meta inatingível – porque só a mão-de-obra e os custos já eram inviáveis – fazer o levantamento e a documentação do contínuo vertical, nas 549 localidades, com o mesmo grau de detalhamento que foi possível para o contínuo horizontal. A isso se somariam as questões metodológicas relativas à apresentação cartográfica dos dados lingüísticos, aqui ainda totalmente por esclarecer. Dificuldades metodológicas ter-se-iam apresentado de forma ainda mais grave diante da consideração de que os fenômenos principais do eixo vertical, em suma o processo da variação como tal, fossem abordados, tanto quanto possível, em termos geolingüísticos, isto é, ligados ao grande número de pontos de inquérito e comparável entre um ponto e outro. Ao invés disso, elegemos uma abordagem que pareceu possível na prática e que todavia atende a um item de exigência máxima, qual seja, de aplicar, adicionalmente ao levantamento do dialeto de base (série de dados 1), uma segunda série de dados sócio-demográficos mutáveis, portanto ligados a um outro ponto do contínuo vertical, e fixando através deste, de certo modo, um (mas também somente um) novo recorte.

Em outras palavras, realizamos, em adição à primeira, uma segunda série de dados, variando em dois pontos essenciais os fatores sócio-demográficos, com os quais definimos nossos critérios para a escolha de informantes:

Série de Dados 1	Série de Dados 2
<Fixação na localidade: duas gerações> <atividade profissional: manual>	
<Idade: ± 75 > <Mobilidade: $\rightarrow$ >	<Idade: 30-40> <Mobilidade: $+\rightarrow$ >

Por mobilidade entendemos, no presente caso, a migração diária e regular de ida e volta (*Pendelverkehr*) entre o local de residência e a localidade de trabalho. Logo, os informantes da série de dados 2 deviam ser recrutados entre as pessoas da faixa dos 30-40 anos de idade e que realizassem esse movimento "pendular". A avaliação estatística final dos dados pessoais também mostra, então, para a curva de frequência do ano de nascimento dos informantes em ambas as séries de dados, um máximo notável, mais precisamente em 1949 e 1910. Ambos os grupos de informantes tinham por conseguinte, no momento do levantamento dos dados, em média respectivamente 35 e 75 anos de idade.

Para limitar os custos de um atlas lingüístico duplo, fomos forçados a fazer algumas reduções no levantamento de dados para a série 2:

- O questionário foi reduzido de (aproximadamente) 1.000 palavras-chave para 440 (questionário 2);
- A rede de localidades foi reduzida de 549 pontos de inquérito da série 1 para 292 pontos.

Afora isso, o levantamento de dados para a série 2 seguiu as mesmas condições estabelecidas para a série preliminar. O levantamento da série 2 jamais ocorreu imediatamente após o levantamento da série 1. Em geral, existia um intervalo de tempo de dois a três anos entre as duas séries, de tal maneira a manter ainda próxima a sincronia de ambas as gravações, sem que o inquiridor, contudo, se visse influenciado pela lembrança das gravações anteriores, uma vez que os questionários do levantamento da série 1 não estiveram mais à disposição dele para a consulta neste estágio.

Os dados lingüísticos coletados "bisserialmente" da maneira descrita, exigem uma técnica cartográfica adequada e específica. O procedimento, pelo qual finalmente nos decidimos, resultou do trabalho competente de Joachim HERRGEN e Jürgen E. SCHMIDT, com a colaboração de Manfred HALFER. O MRhSA apresenta, nessa perspectiva, dois modelos de mapas, os quais se baseiam no procedimento

símbolo-ponto, a saber

1. o tipo de mapa da folha-base. Este tipo contém o mapa de uma página, que apresenta os dados da série 1 de maneira convencional, ou melhor, o repertório integral dos dados para a rede completa dos 549 pontos de inquérito. Para uma parte das cartas lingüísticas deste tipo, acrescenta-se um segundo, isto é:
2. o tipo de mapa da folha de contraste, incluindo cada folha dois mapas de meia página, ambos com a rede de pontos de inquérito da série 2 reduzida a 292 localidades, sendo que o mapa à esquerda repete os dados da série 1 como base de comparação, enquanto o mapa à direita deste contrapõe os dados da série 2, destacando os contrastes entre ambas as séries através da técnica bicolor.

O procedimento cartográfico de contraste é realizado via computador: um banco de dados, que contém como dados de entrada os números dos símbolos (pré-definidos) para a cartografia de ambas as séries e as correspondentes abreviaturas dos pontos de inquérito, possibilita a comparação interserial automática dos números de símbolos e comanda o *plotter* de tal modo que, em caso de contraste nulo, a plotação dos símbolos ocorra na cor preta e, havendo contraste efetivo, na cor vermelha.

Antes de exemplificar algumas amostras deste modelo de cartografia de dados lingüísticos coletados bisserialmente, precisamos retornar uma vez mais à pergunta sobre o que realmente deve e pode ser registrado através desta maneira de levantamento assim organizado. Principalmente através do modo e condições de aplicação das entrevistas, para as quais colaboram sempre vários informantes cuidadosamente escolhidos, apoiando-se mutuamente e também se corrigindo entre si, pode ser obtido um recorte, restrito pelo questionário e pela situação da entrevista, da competência lingüística ativa dos informantes, diferenciada conforme a série 1 e série 2. O recorte de competências levantado através da série 1, quando se considera os valores médios, distingue-se claramente dos dados da série 2 pelo seu maior grau de dialetalidade. O estudo de uma amostragem de 100 palavras (= 20% da série 2) coletadas em 24 pontos de inquérito do MRhSA levou a um primeiro resultado (HERRGEN & SCHMIDT 1989: 311-313): a análise quantitativa das diferenças de traços, levando-se em conta as formas de comparação da língua padrão, mostra um contraste de dialetalidade médio de 9% da série 1 para a série 2, de maneira que os informantes da série 2 ainda conservam o índice elevado de 91% da dialetalidade estabelecida para a série 1. Isoladamente, os contrastes, que assim representam quantitativamente o enfraquecimento do dialeto, oscilam entre 2,4%, como mínimo, e 18,7% como valor local máximo, de modo que, mesmo no último caso citado com o valor máximo de enfraquecimento para a série 2, mantêm-se ainda 81,3% da dialetalidade inicial, com os quais portanto o nível da língua padrão falada, com valor de dialetalidade nulo (ou próximo do nulo), ainda está longe de ser alcançado. Este valor de dialetalidade, inclusive para a série 2 muito

elevado e ainda muito determinante, é uma consequência dos numerosos casos isolados de contrastes nulos. De qualquer maneira, no nosso levantamento de dados bisserial, permanecemos, também com a série 2, ainda no terreno do dialeto. Dizemos: com a série 1 captamos o dialeto de base acessível hoje; por outro lado com a série 2 obtemos um dialeto regional, (ou formulado de maneira mais cautelosa) material lingüístico regionalmente dialetal. Não abrangemos de forma alguma o que os dialetólogos e sociolingüistas alemães chamam de “linguagem coloquial”. Esta, provavelmente, não pode ser explorada por nosso método. Para realizar um recorte adicional em um ponto ainda mais alto do contínuo vertical, poder-se-ia cogitar do método do teste de leitura (cf. KÖNIG 1989: 17), com o qual no entanto seria levada em conta apenas a gramática fônica.

3. QUATRO EXEMPLOS

Passo à análise de quatro amostras mapas, me detendo às folhas de mapas de contraste, com a intenção de destacar sobretudo o que há de novo no nosso modo de trabalho. Os exemplos provêm de partes muito diferentes do programa de publicação do MRhSA. O exemplo 1 pertence ao primeiro volume referente aos ‘Ditongos do Médio Alto-Alemão’, que está em vias de ser publicado. Os exemplos 2, 3 e 4 apresentam uma antecipação dos próximos volumes relativos aos ‘Consonantismo’ e à ‘Morfologia’.

Por motivos técnicos, sobretudo pensando na forte redução que, aqui, tem de sofrer o tamanho da página, deixamos de fora, nos mapas deste artigo, o segundo plano, equivalente ao mapa básico (que serve de pano de fundo). Este é, por isso, apresentado à parte como introdução aos **mapa 1 a 4** (v. acima).

3.1. Médio alto-alemão *ei* em *Kleid* (acusativo singular) - Mapa 1

Os “continuantes” do médio alto-alemão (mhd.) *ei* são, na nossa área de trabalho, em parte monotongos longos que se estendem de [e:] até [ɔ:], e em parte ditongos (de [ei] até [ɔi] e, como tritongo, até mesmo [uɔi]). Nos mapas parciais das folhas de contraste respectivamente localizados à direita, os símbolos em cor preta, mostram, como já mencionado, a coincidência dos dados da série 2 com os da série 1, quer dizer, contraste nulo. Nos concentraremos nos símbolos vermelhos que indicam e põem em relevo os contrastes interseriais.

Os contrastes apontam para três tendências principais:

1. Na área de atração relativa à cidade de Mainz, [ɔ:] e [a:] velar são substituídos por [a:] palatal, um fonema que pertence tanto ao sistema do alemão padrão, como também aos sistemas dos dialetos regionais.
2. Principalmente junto ao Reno, observam-se, como é de esperar, diversas ocorrências da forma padrão [ai], em parte como variante intrasserial e

intralocal ao lado de uma forma mais antiga. (Cf. as ocorrências do mapa separadas por vírgula.) Ao sul de Mainz, aparecem, aparentemente como forma mista, ocorrências do ditongo longo [a'i] ou semelhante.

3. A maioria dos casos de contraste deste mapa referem-se a [e:] vs. [ɛ:]. A primeira variante, fechada, dá lugar à segunda, notoriamente nos arredores de Kaiserslautern - Neustadt/W., bem como ao sul do rio Mosela perto de Bernkastel-Kues. O [ɛ:] aberto normal aparece também – do lado oposto – como produto de substituição da variante extremamente aberta [æ:], na zona limítrofe no norte do Palatinado perto de Rockenhausen.

O contraste [æ:] / [ɛ:] merece atenção especial no Sarre. A série 1 mostra a ocorrência mista de [æ:] e [ɛ:]. A série 2 conserva essa mistura e a varia de maneira incomum. No lugar de seis ocorrências locais de [æ:] na série 1, aparecem ocorrências de [ɛ:] na série 2, enquanto que em seis outros pontos de inquérito são substituídas as ocorrências de [ɛ:] da série 1 por [æ:] na série 2, portanto no sentido contrário. Como se pode interpretar, à primeira vista, este resultado controverso? A resposta será que, aqui, ainda não está decidida a direção que será adotada pela mudança lingüística, a qual leva à substituição. Ela pode desenvolver-se, considerando uma região menor à margem dos limites geográficos da língua alemã, em direção tanto para o fonema E aberto, quanto para E fortemente aberto. (As características do sistema fonêmico envolvido não parecem ser amparadas por nenhum dos lados.) No que diz respeito ao seu valor sociolingüístico, ambos (ainda) não são marcados como suficientemente interligados. Tais **contrastos flutuantes** remetem, por conseguinte, a uma **variação** inicialmente ainda **não-direcionada** que se encontra em uma nítida oposição com os contrastes variativos claramente direciados, os quais apresentamos acima. Trata-se, aqui, de um caso que ilustra um parcial “ocupar-o-lugar-de...” (*Auf-der-Stelle-Treten*) da mudança lingüística.

O **diagrama de frequência**, que irá substanciar cada mapa de contraste nos volumes do atlas a serem publicados, fornece uma explicação mais clara ao menos sobre a tendência de desenvolvimento de uma área mais extensa do domínio de E. Vê-se que, sobre a área total, tanto [ɛ:] como também [æ:] apresentam um retrocesso, diante do forte aumento das ocorrências de [e:]. O modelo [e:] é o que se propaga às custas dos outros, aliás também às custas das variantes de [a:]. Ele representa uma forma de dialeto regional que, neste caso, se compõe, de modo notável, como **divergente do padrão**. Mostram, igualmente, uma tendência progressiva as ocorrências de [ai], as quais convergem com o padrão, porém assumindo por enquanto pouca importância devido à sua fraca frequência de uso.

3.2. Médio alto-alemão (Mhd.) *d* (intervocálico) em *Kleider* (acusativo plural) - Mapa 2

Como exemplo do consonantismo, apresento aqui o rotacismo do mhd. *d*.

O rotacismo, portanto a evolução de obstruintes dentais em posição inter-vocálica para *r* dental-alveolar, é ou foi também regionalmente em outros dialetos alemães amplamente difundido (SCHIRMUNSKI 1962: 317-319). O rotacismo de *d*, ao qual nos restringimos aqui, aparece na área de trabalho do MRhSA, segundo o levantamento para a série 1, como uma área compacta situada a sudeste de uma linha entre Saarbrücken e Koblenz.

Em decorrência do rotacismo, desenvolveu-se para o *r* primário, mais antigo, um *r* secundário. Estruturalmente, a oposição “oclusiva vs. [r]” parece ser neutralizada na posição intervocálica, pois [d] e [r] se alternam: *kle:d* (singular) – *kle:rər* (plural) entre outros. Segundo a literatura, existe uma tendência de distinguir o *r* secundário do *r* primário, na medida em que é articulado o correspondente dental-alveolar secundário e o uvular primário. Hoje, o *r* secundário é considerado uma marca dialetal forte. Seu uso é marcado sociolinguisticamente, e existe a tendência de restringir o rotacismo e seus fenômenos concomitantes (p. ex. NEWTON 1973: 38; HALFER 1988: 16). Este fato também poderá ser percebido no mapa de contraste elaborado para o MRhSA:

1. Espalhado densamente pela área total de estudo, com concentração nas zonas de atração das cidades de Mainz e Ludwigshafen, bem como na parte leste do Sarre, verifica-se uma ampla restituição da oclusiva *d*. A completa restituição de *d* encontra-se mais raramente no lambdacismo (*kle:l*-)⁵ – documentado com seis ocorrências na série 1.
2. Além disso, observamos a substituição do [r] secundário, conhecido até agora apenas como dental-alveolar, por um [R] secundário uvular, principalmente entre Koblenz e Bingen, e também no oeste do Sarre. Portanto, um enfraquecimento do rotacismo pode produzir [R], não só através da sua substituição restitutiva, mas também através da adaptação fônica ao *r* primário. Entre Oppenheim e Worms, percebe-se, como resultado do rotacismo, uma oscilação variacionais entre as duas qualidades de *r*.

3.3. O morfema *-iu* no médio alto-alemão (Mhd.) (acusativo feminino singular) - Mapa 3

Em terceiro lugar, será apresentado um exemplo da morfologia flexional: (*schön*)-*e* no grupo nominal *eine schöne Birne* (‘uma pêra bonita’). A valoração sociolinguística e, dirigido por esta, o desenvolvimento areal do morfema flexional que o contraste das séries permite reconhecer, têm de ser vistos em correlação com o morfema radical. Ao todo, observam-se no mapa cinco tipos principais. O tipo [je:nə] e equivalentes, que se encontra mais próximo do padrão, aparece com poucas ocorrências apenas perto de Koblenz. De resto, sempre que se pressupõe

uma forma histórica de *schön-e* – portanto com nivelamento do morfema – esta aparece com a apócope de *e* final, isto é

1. no noroeste, com redução da vogal temática e guturalização do *n* agora final como [jiŋ],
2. no norte e amplamente difundido no centro, com a manutenção do *n* final do radical, como [je:n], [jē:n] e equivalente,
3. alternando com este em pequenas áreas, por exemplo na mesma área com o desaparecimento de *n* e a nasalização substitutiva da vogal temática, como [jē:] e equivalente, que, como mostra o contraste no mapa à direita, continua a ser substituído por [je:n], logo com preservação de *n*, e
4. por último, no sudeste, em uma área fechada, [je:ni], o arcaísmo, que também ocorre no suábio, no alemânico e na parte meridional do francônio oriental, no acusativo e nominativo femininos do adjetivo em função atributiva, o qual dá continuidade ao mhd. *-iu* desarredondado (SCHIRMUNSKI, 1962: 466-467).

Devido ao seu caráter arcaico e sua posição isolada no sistema morfológico flexional, poderíamos tender a prognosticar, para [je:ni], fortes perdas na série de dados 2. Estas, porém, não se fazem observar. Mais do que isso, permanecem não apenas mantidas as ocorrências de [je:ni] da série 1, como também [je:ni] se propaga na zona fronteira até mesmo às custas de [jē:]. O motivo pode ser facilmente compreendido: [jē:] com nasalização da vogal, esta um traço estigmatizado (THINNES, 1981: 416 acima), equivale não apenas em relação a [je:n], mas também em relação a [je:ni], à variante mais fraca na formação e difusão do repertório de formas do dialeto regional. Afinal dominam os concorrentes com manutenção de *n* e restituição de *n*. E a forma com *i* [je:ni] lucra com o maior valor lingüístico-social do morfema radical completo, oposto ao valor inferior de [jē:], atingido pela mudança deformante que resulta do desaparecimento de *n* e da nasalização da vogal. A integridade do morfema radical desempenha, na escolha feita para o dialeto regional, um papel mais determinante do que a natureza qualitativa da sílaba átona. Ela ocupa evidentemente um lugar muito superior na difícil hierarquia dos traços dialetais, os quais exercem uma função de comando no processo de clarificação do dialeto regional e na dinâmica areal desencadeada por este.

3.4. Dois verbos auxiliares da voz passiva: *werden* vs. *geben* - Mapa 4

Em alemão, a perífrase da passiva ocorre em geral através do verbo auxiliar *werden*. A posição 15.3 do questionário do MRhSA “*Das Brot wird im Backofen gebacken*” (‘O pão é assado no forno’) comprova como particularidade do francônio moselano meridional (*Moselfränkisch*) o uso da variante geolingüística de uma passiva com *geben*: *Das Brot gibt* [jid], [git] ... *gebacken*,

⁵ Articulação espirantizada de *d* (ð), considerada como estágio de transição para o rotacismo e lambdacismo (CHRISTMANN, 1924/25: 214-215; E. MÜLLER, 1929: 8-9), não foi mais determinada com segurança no levantamento de dados para o MRhSA.

que está bem documentado na literatura, também no letzeburguês (p. ex. MÜLLER RhWb 2., 1931: 1074; Luxembg. Wb 2. 1955/62: 57-58). No contato interregional e vertical, a passiva com *geben* se apresenta hoje como um desvio fortemente marcado e incomum, para o que se constata, em consequência disso, um retrocesso no seu uso (p. ex. NEWTON 1973: 39). Assim, também o mapa de contraste do MRhSA mostra – ainda que apenas superficialmente – o retrocesso de *gibt* na parte sudeste, em relação à voz passiva com *werden* do dialeto do Palatinado e de outras áreas. O desaparecimento de *gibt* verifica-se igualmente em torno da cidade de Koblenz, onde são substituídas três ocorrências da série 1.

Por outro lado, parece não haver explicação para a tendência, no sentido contrário, da ocorrência de *gibt* em quatro localidades vizinhas dos distritos de Daun e Cochem-Zell para a série 2, onde foi levantado *wird* para a gravação da série 1. Aqui, são portanto os mais jovens, quem usam – em oposição aos mais velhos – o arcaísmo. A explicação para a **inversão do contraste** decorre, nessa área conservadora, da tendência de desdobramento verificada aqui no sentido da consolidação areal por meio da “circundação” areal. É preenchida a lacuna na borda oriental da área de *gibt*, do mesmo modo que se abdica, de outro lado, das ocorrências expostas de *gibt*. De qualquer maneira, os habitantes da região onde se encontra o aumento do uso de *gibt* dominam, na sua competência lingüística passiva, a variante *gibt*. A geração intermediária desejou ativar esta variante. Dever-se-ia verificar se a ativação foi favorecida por uma direção preferencial na migração diária de ida e volta entre a residência e o local de trabalho.

Em contrapartida, os casos isolados de inversão de contraste que aparecem nos mapas podem estar condicionados pelo estresse da situação de entrevista, logo por motivos psíquicos e, de qualquer forma, individuais. Esses casos não têm valor explanativo para a interpretação do mapa bidimensional.

4. RESUMO

A visão geral e sucinta sobre os mapas 1 a 4 apresentou amostragens de três domínios objetivos da gramática (vocalismo, consonantismo, morfologia), tradicionalmente levados em consideração nos atlas lingüísticos pelo fato já de sobretudo eles serem vistos como geolingüísticamente produtivos. Além disso, deveria ser dada exemplarmente uma visão das possibilidades de explanação e do espectro de tarefas da geografia lingüística vertical-contrastiva, isto é, da geografia lingüística operada bidimensionalmente. Através da visão quase estereoscópica, os contrastes e tipos de contraste determináveis em uma região possibilitam ao interpretador enunciados mais confiáveis sobre as distintas tendências, que em dado momento predominam na mudança no subpadrão lingüístico, com referência à competência do falante. A mudança lingüística, que é alcançada através da mudança do comportamento lingüístico como mudança de competência, tem como pré-requisito o deslocamento das áreas do contínuo que são privilegiadas pelos

grupos no interior dos aspectos variacionais verticais das competências. Este processo é desencadeado pela mudança social, que se manifesta na alta mobilidade horizontal da geração intermediária, tal como é registrada pela série de dados 2. Isso mostra que a competência (ativa) destes grupos de informantes cada vez mais muda de orientação, indo de normas locais para normas regionais e sobretudo em direção a normas de determinadas zonas de atração. De modo algum, constituem-se em centros dessas zonas de atração, na nossa grande área de trabalho, somente as cidades, mas também pontos cruciais de ordem variada na rede dos movimentos pendulares de ida e volta. Dessa forma, ocorre um desenvolvimento que se afasta do dialeto local e de base e se aproxima do dialeto regional, enquanto que a língua padrão falada constitui apenas excepcionalmente, por exemplo na direta proximidade com uma cidade grande, alvo de tal desenvolvimento. “Dialeto regional” é um conceito fortemente simplista que, por enquanto, visto de maneira mais precisa, explicita algo apenas sobre a tendência genérica e não sobre regiões lingüísticas de fato, visivelmente contrastadas. A tendência genérica consiste na perda de fronteiras (*Entgrenzung*) e eliminação dos repertórios de formas restritas a pequenas áreas; e ela consiste – na verticalidade – na diminuição (relativa às causas, para o processo areal) dos picos de dialetalidade extremos. Deve-se resumir desta forma os múltiplos processos de substituição que aparecem nos mapas de contraste. Pois a regionalização dos dialetos é uma mudança lingüística que vai ocorrendo no caminho da substituição.

A dissolução e reorganização dos dialetos locais em dialetos regionais efetua-se, em uma parte considerável, de maneira divergente do padrão e, de resto, – do ângulo do levantamento de dados bisserial – visivelmente hesitante.⁶ Assim observamos um amplo “ocupar-o-lugar-de...” da mudança substitutiva, quando consideramos também os freqüentes contrastes nulos, os pares de variantes locais apontados nos mapas e o estado variativo discutido juntamente com o contraste flutuante, não direcionado (cf. 3.1.3). A inversão de contraste, portanto um aumento da dialetalidade, aparece somente como uma exceção, mas não está excluída (cf. 3.3), como se mostrou. De resto, a mudança substitutiva não se realiza linearmente, mas item por item e não em toda a parte pelo caminho mais curto e direto. O tratamento quantitativo dos dados proporciona uma impressão realista da direção geral adotada pelo fenômeno e uma imagem sumária também da intensidade dos processos de mudança diferentemente eficazes. Deveria por isso acompanhar a cartografia lingüística bidimensional, apresentando um resultado adicional deste método. O enfoque quantitativo dá-se de duas maneiras: primeiro, para o item lingüístico (isolado) cartografado (palavra-chave do mapa), isto é interno e paralelo ao mapa através de diagramas de freqüência contrastivos. Por outro lado, expandindo o âmbito dos mapas, através de análises da dialetalidade – igualmente contrastivas – em maiores quantidades de dados lingüísticos, onde deve

⁶ O processo de identificação da idade do dialeto no seu uso individual (cf. THINNES, 1981: 188) não será tratado aqui.

ficar conceitualmente claro que a dialetalidade, denominada desta forma, seja medida na verticalidade, na dimensão da socialidade. As medições de ambos os tipos mostram, tanto quanto podemos observar até agora, os valores de dialetalidade inferiores para os grupos de informantes com mobilidade e mais jovens. Em contrapartida, é a interpretação qualitativa que aprofunda nosso conhecimento sobre os mecanismos gerais da mudança, específicos do momento atual, e que se verificam na linguagem coloquial falada mais distante do padrão.

A pergunta formulada no título deste artigo deve ser, por fim, respondida afirmativamente: é possível, do ponto de vista das técnicas de levantamento e cartografia, e vale a pena, pelos resultados que produz, apresentar geolinguisticamente a arealidade e socialidade, pelos menos no âmbito do subpadrão inferior, não de forma isolada, mas em interdependência e em contraste uma em relação a outra, sempre pressupondo entretanto que se efetue o levantamento dos dados com suficiente exatidão.

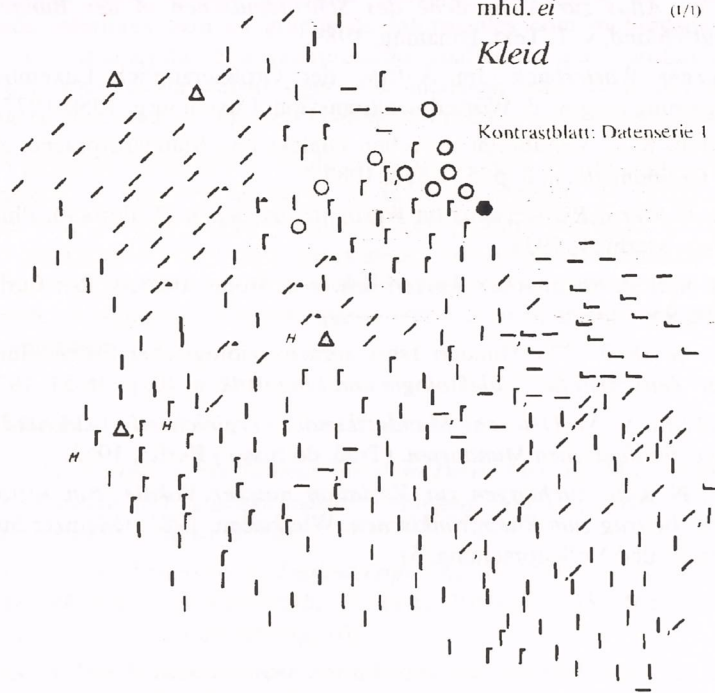
BIBLIOGRAFIA

- BELLMANN, G. *Probleme des Substandards im Deutschen*. In: MATTHEIER, K. J. (ed.). *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen, 1983. p. 105-130. (Reihe Germanistische Linguistik, 46)
- BELLMANN, G. *Zweidimensionale Dialektologie*. In: BELLMANN, G. (ed.). *Beiträge zur Dialektologie am Mittelrhein*. Stuttgart, 1986. p. 1-55. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 10)
- BELLMANN, G. *Der Mittelrheinische Sprachatlas und das Pfälzische*. In: KLEIBER, W. (ed.). *Symposium Ernst Christmann. Vorträge zur Dialektlexikographie, Sprachgeographie und Volksforschung des Westmitteldeutschen*. Stuttgart, 1987. p. 75-87. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 11)
- BELLMANN, G.; HERRGEN, J. & SCHMIDT, J. E. *Der Mittelrheinische Sprachatlas (MRhSA)*. In: VEITH, W. H. & PUTSCHKE, W. (eds.). *Sprachatlanten des Deutschen. Laufende Projekte*. Tübingen, 1989. p. 285-313. (Studien zum Kleinen Deutschen Sprachatlas, 2)
- BICKERTON, D. The Nature of a Creole Continuum. *Language*, v. 49, n. 3, p. 640-669, 1973.
- CHRISTMANN, E. Die Wandlungen des germ. Reibelautes *p* und des germ. Verschlußlauts *d* zwischen Vokalen in den Mundarten der Rheinlandpfalz. *Teuthonista*, n. 1, p. 214-218, 1924/25.
- HALFER, M. *Die Flurnamen des oberen Rheingebiets. Ein Beitrag zur Sprachgeschichte des Westmitteldeutschen*. Stuttgart, 1988. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 12)
- HERRGEN, J. & SCHMIDT, J. E. *Dialektalitätsareale und Dialektabbau*. In: PUTSCHKE, W.; VEITH, W. H. & WIESINGER, P. (eds.). *Dialektgeographie und Dialektologie*. Günter Bellmann zum 60. Geburtstag von seinen Schülern und Freunden. Marburg, 1989. p. 304-346.
- KÖNIG, W. *Atlas zur Aussprache des Schriftdeutschen in der Bundesrepublik Deutschland*, v. 1. Text. Ismaning, 1989.
- Luxemburger Wörterbuch*. Im Auftrag der Großherzoglich Luxemburgischen Regierung hrsg. v. d. Wörterbuchkommission. Luxemburg, 1950-1977. 5 v.
- MATTHEIER, K. J. Variabilität zwischen Dialekt und Standardsprache. *Zeitschrift für Germanistik*, n. 8, p. 544-558, 1987.
- MÜLLER, E. *Der d-Rhotazismus im Westmitteldeutschen* (Teildruck). Phil. Dissertation. Marburg, 1931.
- MÜLLER, J. et al. *Rheinisches Wörterbuch*. v. 1: Bonn, 1928; v. 2--: Berlin, 1931-1971. 9 v.
- NEWTON, G. 1870-1970: Hundert Jahre sprachsoziologischer Entwicklung an der Saar. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, n. 40, p. 36-51, 1973.
- SCHIRMUNSKI, V. M. *Deutsche Mundartkunde. Vergleichende Laut- und Formenlehre der deutschen Mundarten*. (Trad. do russo.) Berlin, 1962.
- THINNES, N. *Untersuchungen zur Variation nasaler Vokale. Ein soziolinguistischer Beitrag zum Rheinfränkischen*. Wiesbaden, 1981. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung, 5)

mhd. *ei* (1/1)

Kleid

Kontrastblatt: Datenserie 1



Symboleklärung

- | | | |
|------------------|------------------------|------------------------------|
| / e:, e' | △ ei | • a im Diphthongoid |
| e:, e' | △ ei bis zur Überlänge | ° Wegfall eines Diakritikums |
| [æ:, æ', ɶ: | □ ei | o Wegfall einer Variante |
| — æ:, ɶ: | ○ ai, ɶi, ai | |
| — ai, ɶi, ai, ɶi | ○ ai, ɶi, ai, ɶi | H Hieronymik |
| | ○ ai, ɶi Überlänge | |
| | ● uai | |

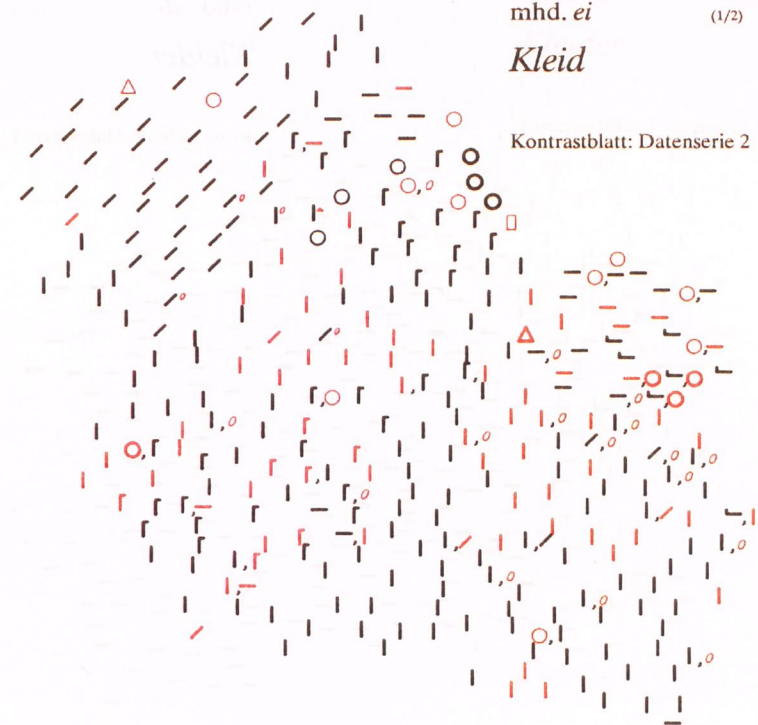
Die Symbolisierung ist für beide Karten des Kontrastblattes identisch.
R o u n d r e c k bezeichnet interseriellen Kontrast.

K. 1

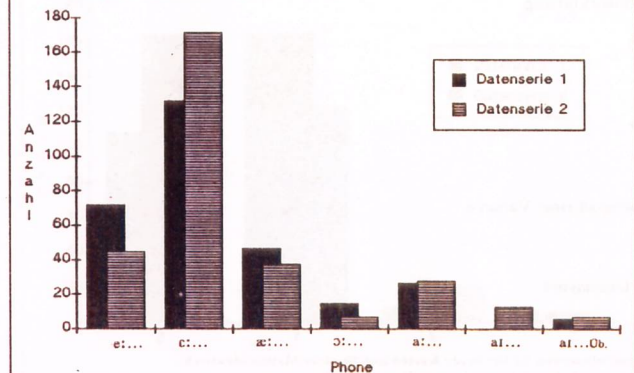
mhd. *ei* (1/2)

Kleid

Kontrastblatt: Datenserie 2



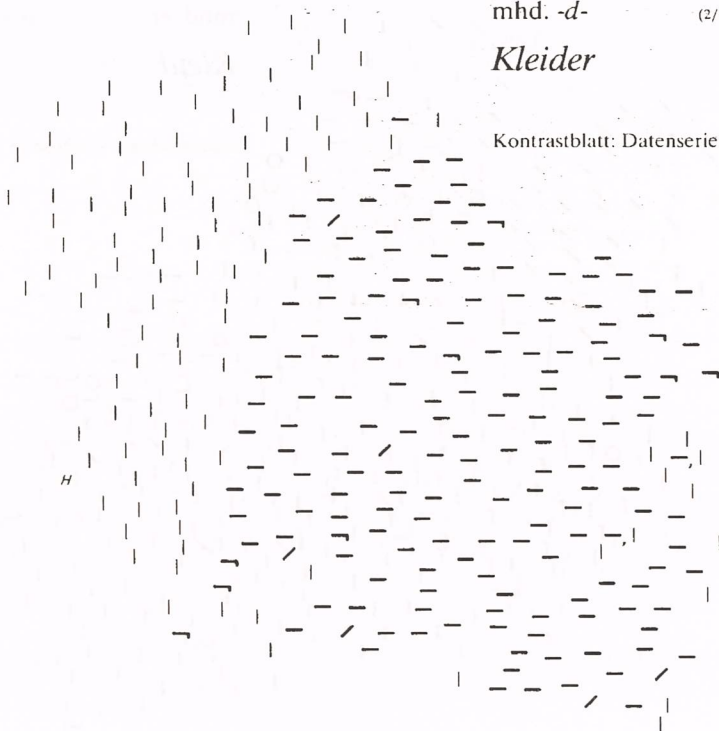
Häufigkeiten (Untergrenze: 6 Belege)



mhd. -d- (2/1)

Kleider

Kontrastblatt: Datenserie 1



Symbolerklärung

- | d
- r
- ┌ R
- / l
- o Wegfall einer Variante

H Heteronymik

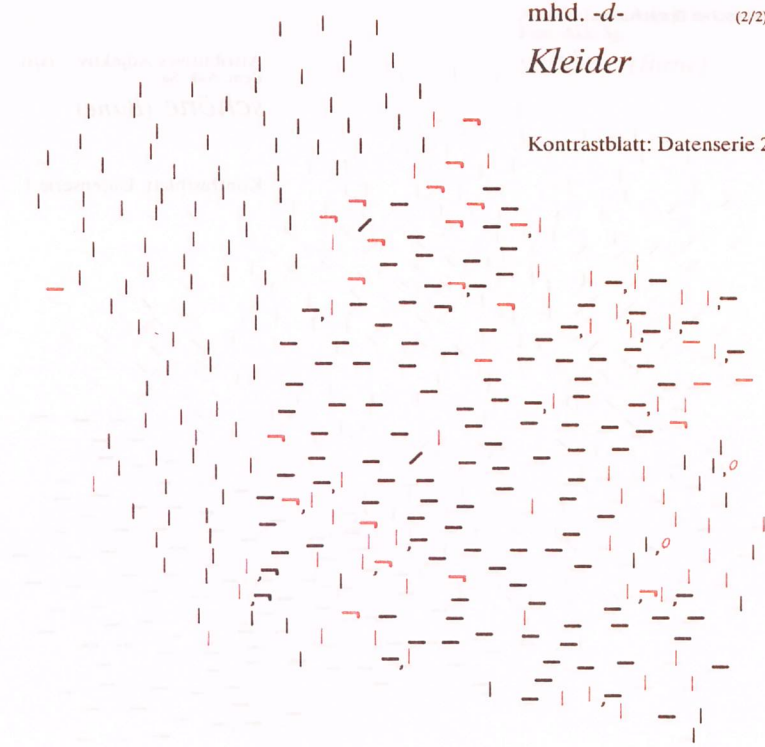
Die Symbolisierung ist für beide Karten des Kontrastblattes identisch
Rotdruck bezeichnet interseriellen Kontrast.

K. 2

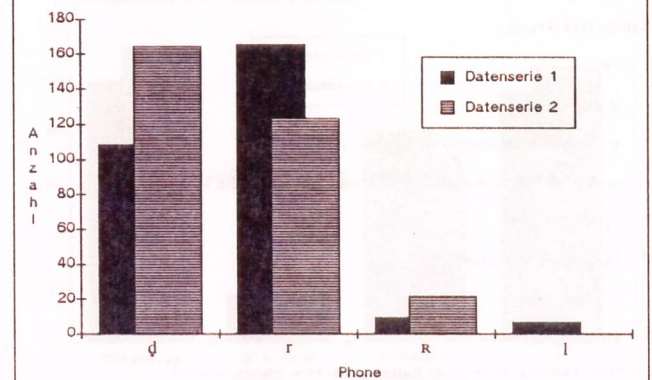
mhd. -d- (2/2)

Kleider

Kontrastblatt: Datenserie 2



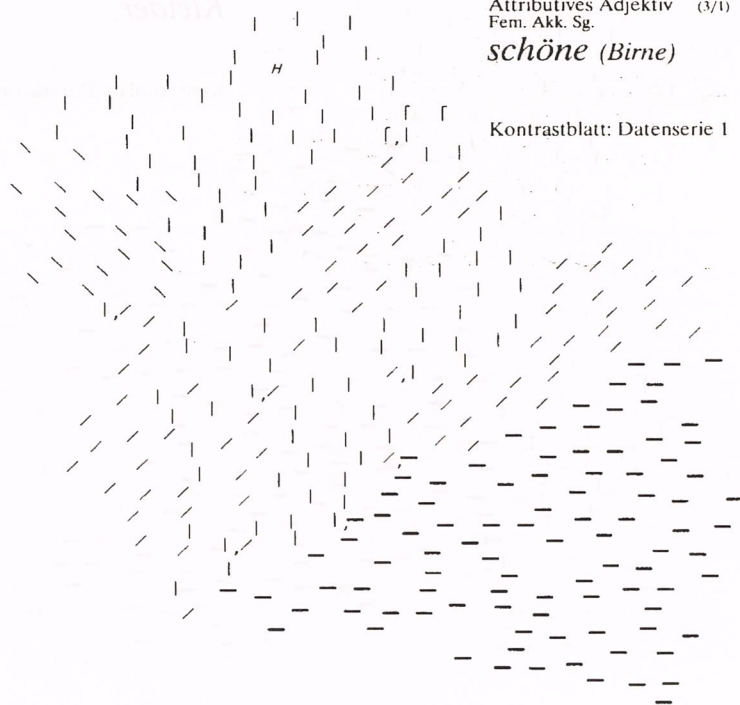
Häufigkeiten (Untergrenze: 6 Belege)



Attributives Adjektiv (3/1)
Fem. Akk. Sg.

schöne (Birne)

Kontrastblatt: Datenserie 1



Symbolerklärung

- ┌ -e
- | e-Apokope
- \ η-Auslaut beim Stammorphem + e-Apokope
- / n-Ausfall (mit Vokalnassierung) beim Stammorphem + e-Apokope
- -t
- o Wegfall einer Variante

H Heteronymik

Die Symbolisierung ist für beide Karten des Kontrastblattes identisch.
R o t d r u c k bezeichnet interseriellen Kontrast.

K. 3

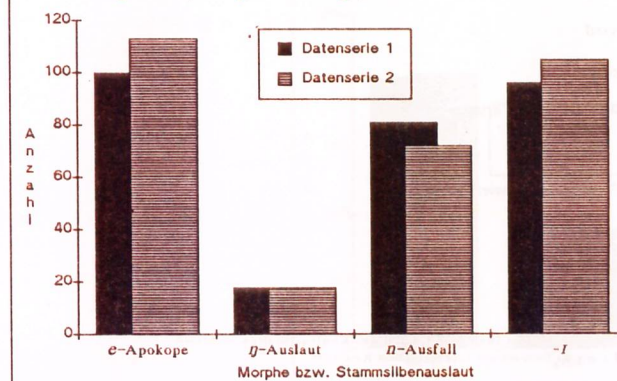
Attributives Adjektiv (3/2)
Fem. Akk. Sg.

schöne (Birne)

Kontrastblatt: Datenserie 2



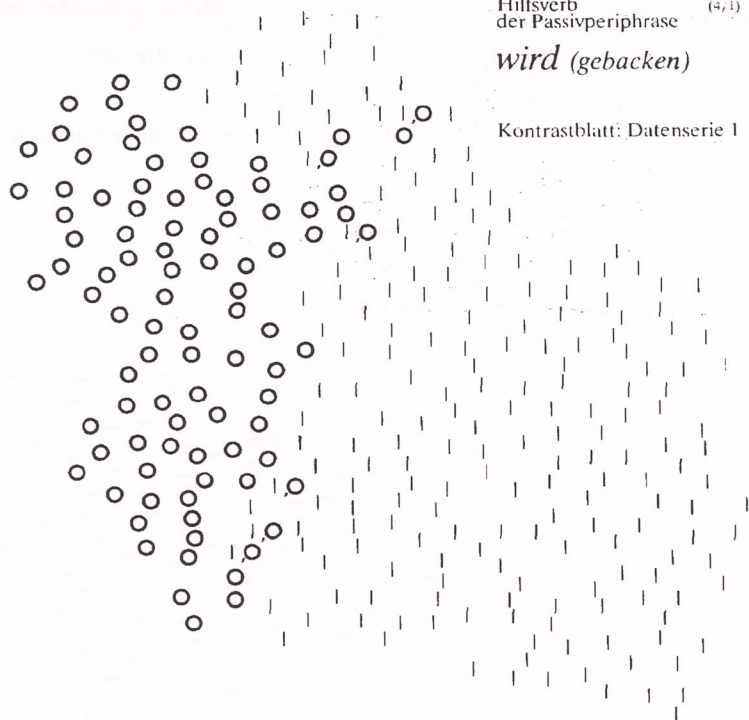
Häufigkeiten (Untergrenze: 6 Belege)



Hilfsverb
der Passivperiphrase (4/1)

wird (gebacken)

Kontrastblatt: Datenserie 1



Symbolerklärung

- | *wird*
- *gibt*
- Wegfall einer Variante
- ✓ Explorationsschwierigkeiten

Die Symbolisierung ist für beide Karten des Kontrastblattes identisch.
R o t d r u c k bezeichnet interseriellen Kontrast.

K. 4

Hilfsverb
der Passivperiphrase (4/2)

wird (gebacken)

Kontrastblatt: Datenserie 2

